Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A colonização digital do imaginário: cotidiano e midiatização na era das plataformas[1]

The digital colonization of the imaginary: everyday life and mediatization in the plataform era

Rone Eleandro dos Santos[2]

Palavras-chave: midiatização; vida cotidiana; imaginário; colonização digital.

Keywords: mediatization; everyday life; imaginary; digital colonization.

Introdução

Este texto tem como tema central a relação entre cotidiano, mídia e imaginário analisada à luz das transformações comunicacionais contemporâneas, da crescente centralidade das plataformas digitais e da difusão de sistemas algorítmicos na vida social. Nesse cenário, a expansão das tecnologias digitais reconfigura as formas de produção simbólica, circulação de sentidos e experiência cotidiana. A análise aqui feita parte do princípio de que a midiatização algorítmica intensifica a colonização capitalista do cotidiano e do imaginário social. Ao mesmo tempo em que abre brechas para práticas de resistência e tecnodiversidade nas disputas simbólicas da vida ordinária.

A investigação parte da hipótese de que o cotidiano, longe de ser um espaço banal ou secundário, constitui um campo privilegiado para compreender as tensões entre reprodução social e emancipação, estratégias hegemônicas e táticas de resistência, colonização digital e emergência de novas cosmotécnicas. Em vista disso, a investigação toma como referência o

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador/BA. POSCOM-UFSM. Santa Maria/RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

[2] Doutorando em Mídia e Cotidiano no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF) e professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF SUDESTE MG). E-mail: rone_santos@id.uff.br / rone.santos@ifsudestemg.edu.br

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

cotidiano configurado pelas plataformas digitais – especialmente redes sociais, mecanismos algorítmicos de recomendação e sistemas de inteligência artificial generativa – entendidos como espaços de organização de boa parte da experiência contemporânea.

Tomamos como objetivo principal compreender como plataformas digitais, sistemas algorítmicos e inteligências artificiais reorganizam a experiência cotidiana e disputam a constituição do imaginário social. Isso entendendo o cotidiano como lugar de mediações e disputas, destacando como a midiatização reorganiza sensibilidades, temporalidades e sociabilidades, ao mesmo tempo em que o imaginário se torna campo central de captura e exploração pelas corporações digitais. Busca-se mostrar que a vida cotidiana, atravessada por dispositivos técnicos e ecologias afetivas, permanece um espaço contraditório: de um lado, alvo da colonização midiática e algorítmica (marcada por recomendações algorítmicas, curadorias automatizadas, produção permanente de dados e circulação contínua de conteúdos); de outro, lócus de criação de sentidos alternativos, práticas emancipatórias e horizontes de tecnodiversidade (como iniciativas de software livre, plataformas comunitárias e redes digitais autônomas).

A relevância do estudo reside na necessidade de compreender criticamente as dinâmicas contemporâneas que afetam a experiência ordinária, em especial diante do avanço da "superindústria do imaginário" (Bucci, 2021), da constituição de "imaginários algorítmicos" (Morales & Natansohn, 2024), e de apontar possibilidades de abertura para outras formas de viver e imaginar coletivamente. Nesse cenário, o avanço das plataformas digitais e da inteligência artificial também produz um regime de encantamento tecnológico, no qual algoritmos e sistemas automatizados passam a ser percebidos como instâncias neutras ou inevitáveis de organização da vida social, obscurecendo os processos de poder e mercantilização que estruturam sua operação.

O artigo desenvolve uma análise teórico-conceitual baseada na articulação entre estudos da vida cotidiana, teorias da midiatização e crítica decolonial da tecnologia. Embora de natureza teórico-conceitual, a reflexão toma como horizonte empírico o cotidiano

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

produzido pelas plataformas digitais, especialmente redes sociais, sistemas de recomendação algorítmica e inteligências artificiais generativas, compreendidos como ambientes privilegiados de disputa do imaginário contemporâneo.

1. O cotidiano como espaço de disputa simbólica: midiatização, plataformas e reorganização da experiência cotidiana

A base teórica para as análises articula diferentes tradições e perspectivas. Primeiramente, retoma-se a perspectiva dialética de Agnes Heller (1985), que compreende a vida cotidiana como o centro ontológico da existência social, espaço em que se entrelaçam alienação e possibilidade emancipatória. Em diálogo com Georg Lukács (1966, 1977), a autora mostra que a cotidianidade não é mera repetição, mas lugar em que particularidade e genericidade se confrontam e se atualizam, abrindo margem para a condução consciente da vida (*Lebensführung*). Para dialogar e ampliar essa discussão, com caráter mais dialético, buscamos adicionar alguns elementos do pensamento de Michel de Certeau. Em *A invenção do cotidiano* (2009), Certeau dedica atenção às práticas ordinárias de apropriação, onde táticas criativas permitem aos sujeitos subverter e ressignificar estratégias dominantes. Essas contribuições permitem situar o cotidiano não como esfera passiva, mas como lugar de produção de sentidos, práticas e resistências.

Em seguida, a análise se desloca para a mídia como mediadora constitutiva da vida social. Muniz Sodré, em *As estratégias sensíveis* (2006), propõe compreender a comunicação contemporânea a partir do conceito de *bios midiático*, uma ecologia afetiva em que a experiência cotidiana é reorganizada pela indistinção entre real e virtual. Essa reorganização pode ser observada, por exemplo, nas formas pelas quais plataformas digitais estruturam rotinas informacionais e afetivas. Nesse registro, a comunicação não é apenas transmissão de informação, mas condição existencial que modula afetos, corpos e percepções, estruturando o viver ordinário. Jesús Martín-Barbero (2009), por sua vez, ao deslocar o foco dos meios

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

para as mediações, mostra que a inteligibilidade do massivo só se compreende no entrelaçamento entre temporalidades sociais, matrizes culturais e dispositivos que configuram a recepção. Assim, a mídia aparece como dimensão constitutiva do cotidiano, articulando hegemonia e resistência, colonização e reapropriação cultural. Esse processo torna-se particularmente visível nas redes sociais digitais, onde mediações culturais convivem com mecanismos algorítmicos de curadoria. Essa perspectiva aproxima-se de Guy Debord (1997), para quem o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social mediada por imagens, revelando a profundidade com que a midiatização penetra na vida cotidiana. Hoje, essa lógica se atualiza por meio da plataformização da circulação simbólica.

Esse quadro pode ser aprofundado sob a perspectiva do debate contemporâneo no campo da midiatização. Como observa Fausto Neto (2010), os processos de circulação tornam-se cada vez mais centrais para compreender a dinâmica comunicacional nas sociedades conectadas, especialmente com a emergência das redes digitais. No contexto atual, marcado pela expansão de plataformas e sistemas de inteligência artificial, essa dinâmica se intensifica, configurando aquilo que Mario Carlón (2025) identifica como uma aceleração da circulação e uma reconfiguração das condições de visibilidade social. Tal cenário pode ser compreendido como uma passagem de uma sociedade midiatizada para um contexto de hipermidiatização, no qual a presença pervasiva das tecnologias digitais reorganiza profundamente as formas de produção, circulação e reconhecimento dos discursos sociais (Ferreira, 2016).

Nesse debate, destacamos três vertentes de interpretação da midiatização: a *institucional e histórica* que enfatiza a autonomização das lógicas midiáticas nas instituições sociais (Stig Hjarvard, 2014; Jesper Strömbäck, 2008); a *socioconstrutivista* que defende que a midiatização é um processo de longo prazo baseado na construção comunicativa da realidade sociocultural (Hepp, 2014; Hepp e Hasebrink, 2015); e, na América Latina, a vertente *semioantropológica* voltada para a análise histórica dos processos midiáticos e a

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

compreensão da produção de sentidos (Eliseo Verón, 2011; 2014). Embora essas abordagens ofereçam instrumentos importantes para compreender a centralidade da mídia na organização da vida social, elas também suscitam um problema teórico relevante: em que medida os processos de midiatização tendem a reduzir o lugar do sujeito nas dinâmicas sociais e comunicacionais? Essa questão torna-se decisiva quando se pretende compreender não apenas as formas de captura e colonização do cotidiano, mas também as possibilidades de resistência, reapropriação e criação de novos imaginários no interior dos ambientes midiáticos contemporâneos.

2. Colonização digital do imaginário e colonialidade algorítmica

Nesse contexto de intensificação da midiatização e de expansão do capitalismo de plataformas, a análise avança para o que denominamos de *colonização digital do imaginário*. Ou seja, em linhas gerais como a estrutura tecno-empresarial das empresas de tecnologia digital operam a captação, domínio e controle dos modos de ser, estar e imaginar o "*mundo da vida*" (Don Ihde, 2017). Nesse sentido, trazemos como para Eugênio Bucci (2021) vivemos sob a lógica de uma *superindústria do imaginário*, em que imagens, narrativas e afetos são sistematicamente transformados em mercadorias como qualquer outras para serem consumidas. Essa colonização intensificada pelas plataformas digitais captura práticas ordinárias – como navegação, consumo de informação, produção de conteúdo, interação em redes sociais e uso cotidiano de sistemas de inteligência artificial –, e converte práticas cotidianas em dados, performances e fluxos de consumo. Morales e Natansohn (2024), por sua vez, demonstram como algoritmos e softwares se consolidam como significações imaginárias sociais centrais no capitalismo contemporâneo, instaurando "*imaginários algorítmicos*" que naturalizam a neutralidade técnica e reforçam a mercantilização da vida. Essa análise reforça a necessidade de compreender os algoritmos não apenas como instrumentos, mas como dispositivos de poder que configuram percepções, orientam condutas e colonizam o imaginário coletivo.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Nesse ponto, torna-se decisivo dialogar com a crítica decolonial. Aníbal Quijano (2000), ao formular a noção de *colonialidade do poder*, mostra como a modernidade produziu hierarquias de saber, ser e poder que ainda estruturam o mundo contemporâneo. Walter Mignolo (2007; 2017), ao destacar a *colonialidade do saber*, argumenta que o imaginário moderno/colonial impôs uma matriz eurocêntrica de racionalidade que marginalizou outras epistemologias, produzindo uma geopolítica do conhecimento. Quando aproximadas da crítica à *colonização digital do imaginário*, essas reflexões permitem reconhecer que o poder algorítmico das Big Techs opera como nova forma de colonialidade: captura dados, modula afetos e reconfigura o cotidiano sob lógicas de controle e mercantilização, ampliando assim a colonialidade no terreno simbólico e tecnológico. A racionalidade algorítmica constitui uma nova metamorfose da colonialidade.

3. Tecnodiversidade e horizontes de resistência

A contribuição de Yuk Hui (2016; 2020), sobretudo em sua formulação da noção de *cosmotécnica*, abre caminhos para pensar alternativas. Para o autor, cada cultura articula uma concepção própria de cosmos e de técnica, de modo que não existe uma tecnologia universal, mas múltiplas formas de integrar técnica e mundo. A partir disso, Hui propõe a ideia de *tecnodiversidade*, entendida como condição para a construção de futuros múltiplos capazes de escapar à homogeneização tecnológica promovida pelo Ocidente e, atualmente, pelas Big Techs. Essa noção é fundamental para repensar o imaginário digital: se o *colonialismo algorítmico* tende a impor uma racionalidade única, a *tecnodiversidade* afirma a possibilidade de outros imaginários, outras mediações e outras práticas cotidianas e modos de habitar a tecnologia. A proposta de Hui conecta-se às análises de Heller e Certeau ao evidenciar que a cotidianidade pode ser espaço não apenas de captura, mas de criação, invenção e pluralização. Essa abertura pode aparecer na construção de plataformas comunitárias, softwares livres, ecossistemas digitais locais e outras formas de apropriação técnica que escapam às lógicas monopolistas das Big Techs.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Diante desse quadro em que o capitalismo contemporâneo amplia a captura extrativa da informação e dos próprios modos de imaginar e habitar o mundo, torna-se fundamental identificar experiências que já buscam tensionar essa lógica. Diversas iniciativas latino-americanas têm desenvolvido práticas tecnopolíticas enraizadas em saberes locais, infraestruturas próprias e outros modos de relação com a técnica, configurando expressões concretas de tecnodiversidade. Nesse cenário o Brasil tem exemplos relevantes dessas alternativas que, em diferentes escalas, desafiam a homogeneização imposta pelas Big Techs. A tabela a seguir apresenta alguns exemplos:

Iniciativa / Organização	Tipo de Ação Tecnopolítica	Em que resiste à colonização digital
IARAA – Inteligência Artificial da Reforma Agrária e Agroecológica (MST)	Tecnologia camponesa, agroecologia, formação técnica, tecnologias sociais	Cria cosmotécnicas territoriais; autonomia tecnológica rural; rejeição a plataformas agrícolas corporativas
Frente pela Soberania Digital	Advocacy, política pública, manifesto, articulação de entidades	Propõe soberania de dados, infraestruturas próprias e softwares livres no Estado
Movimento Software Livre	Desenvolvimento, cultura hacker, cooperativismo digital	Rompe dependência técnica; cria plataformas comunitárias; defende autonomia dos códigos

Considerações finais

Por meio deste trabalho, defendemos que a disputa pelo imaginário constitui, hoje, uma disputa pelo próprio cotidiano, reconfigurado pela hipermidiatização algorítmica. Ao articular estudos da vida cotidiana, teorias da midiatização e perspectivas decoloniais, o artigo propõe uma abordagem integrada para compreender como plataformas digitais organizam visibilidades, modulam afetos, orientam consumos simbólicos e disputam a produção do imaginário social. Ao mesmo tempo, evidencia que essas dinâmicas não

eliminam a possibilidade de reapropriações e práticas de resistência, abrindo espaço para horizontes de tecnodiversidade e para a emergência de outros imaginários.

Nessa perspectiva, o trabalho tensiona formulações produzidas no Norte Global com contribuições latino-americanas e decoloniais, reafirmando o cotidiano como espaço simultâneo de captura e criação. Sustenta-se, assim, que repensar a tecnologia a partir da pluralidade cultural e epistemológica constitui condição para ampliar as possibilidades de emancipação. Em última instância, defender o direito ao imaginário significa defender o direito de produzir modos plurais de habitar o cotidiano e de imaginar futuros que escapem às racionalidades mercantis e coloniais que estruturam a atual superindústria algorítmica do imaginário.

Referências

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário:** como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARLÓN, Mario. Semiótica, (hiper)midiatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 3, p. 159–184, 2025. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-184. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/232636. Acesso em: 10 mar. 2026.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer, vol. 1. 16ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Giovandro Marcus; MOURA, Clarissa Viana Matos. Da enunciação aos processos de midiatização: estudos do discurso midiático no interior do CEPAD. *In*: FERREIRA, Giovandro Marcus; MACHADO, Irene; SILVA, Alexandre Rocha da;

OLIVEIRA, Regiane (org.). **Problema semiótico em pesquisas de comunicação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 87-98.

FERREIRA. Jairo; et al (org.). **Midiatizações sul e norte:** perspectivas epistemológicas e empíricas no Brasil e na Suécia. Porto Alegre: Sulina, 2024.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo". **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 45–64, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p45-64 Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930. Acesso em: 10 mar. 2026.

HEPP, Andreas; HASEBRINK, Uwe. Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiatizadas. **Parágrafo**, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 2, p. 75-89, 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333. Acesso em: 10 mar. 2026.

HUI, Yuk. **The Question Concerning Technology in China:** An Essay in Cosmotechnics. Falmouth: Urbanomic, 2016.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

IHDE, Don. **Tecnologia e mundo da vida:** do Jardim à Terra. Chapecó: Editora da Universidade Federal Fronteira Sul, 2017.

LUKÁCS, Georg. **Estética I:** la peculiaridad de lo estético. México, DF: Grijalbo, 1966.

_____. Prefácio. *In*: HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, *[S. l.]*, v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123. Acesso em: 10 mar. 2026.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1–18, 2017. DOI: https://doi.org/10.17666/329402/2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 mar. 2026.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MORALES, Susana; NATANSOHN, Leonor Graciela. Imaginário social, ambientes digitais e algoritmos: da elucidação à criação de alternativas. **Revista FAMECOS**, *[S. l.]*, v. 31, n. 1, p. e45331, 2024. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.45331. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/45331. Acesso em: 10 mar. 2026.

NETO, Antonio Fausto. *As bordas da circulação.* Alceu, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201–246.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 3ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Muniz Sodré: O bios midiático na cena social contemporânea* (entrevista). ***Revista Pesquisa FAPESP***, Especial Revolução Genômica, Setembro de 2008. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2025/07/Especial-genomica_2008completo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2026.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. **International Journal of Press/Politics**, volume 13, issue 3, p. 228-246, 2008. DOI: https://doi.org/10.1177/1940161208319097. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1940161208319097. Acesso em: 10 mar. 2026.

VALLE, Bortolo. Ludwig Wittgenstein: linguagem ordinária e cultura. **Revista Plurais – Virtual**, *[S. l.]*, v. 8, n. 3, 2019. Disponível em: https://revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/9190. Acesso em: 10 mar. 2026.

VERÓN, Eliseo. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? *In*: FERREIRA, Giovandro Marcus Ferreira; SAMPAIO, Adriano de Oliveira; FAUSTO NETO, Antônio. **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 17-25.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 13–19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928. Acesso em: 10 mar. 2026.